

Maria da Conceição Caleiro

Até para o ano em Jerusalém



Maria da Conceição Caleiro

ATÉ PARA O ANO
EM JERUSALÉM



COMPANHIA
DAS ILHAS

2015

(Continuação)

Já tinha gostado de David Kowalevsky lá em São Miguel. Mesmo de antes, do que Vicente foi contando, driblando, ora no avanço, ora em recuada. Deixando em aberto lugar para a eclosão da fantasia. Mas lá na Ilha tudo foi mais ao íntimo, a fundo no frente a frente, naquela entonação mais doce da língua, se bem que obsessivamente na busca de uma história perdida, de uma trama de amor que de tão grande desviou a vida daqueles dois. Que eu nem cheguei a conhecer. O neto cosia as sobras. O que tinha ficado. E era nada, ou quase nada. Mais forte tinha sido talvez a carta lacrada pelo avô e desselada depois e já era tarde. Tão tarde, tão irreparável, mas moía, dava insónia. Nem ela estaria viva. Tudo tinha deixado para todos nós, e deixava de ser sobreponível, desajustava-se. Passou a haver uma apara a mais em todas as versões. Lasca ou limalha em brasa que uma revoada do tempo trazia de volta qual boomerang e que ninguém sabia onde a encaixar. Que não fazia parte da história de cada um e, no entanto, moldou o centro da história de cada um. Espinhados os textos, os ecos, os boatos. Mesmo justapostos não perdiam as arestas. Reunidos, lembro bem o quanto na Grotinha, depois de jantar, meio calados, copo de vinho numa mão, farripa de pão e queijinho de S. Jorge na outra, estávamos arrolhados. Todos em desordem daquilo. No centro do sismo, e já com azia. Aos poucos, a partir de nem sei já o quê, percebi que David era alguém cheio de charme. Uma inteligência luminosa e felina como a dos seres sempre atentos que desconfiam quase sempre, signo de água talvez. Ou de fogo à beira d'água. Imenso sentido de humor que foi desabrochando naqueles dias.

Devagarzinho, como ele dizia. Sorrindo estranhado quando se diz “devagarinho”. Um sorriso entre espinheiros?

Ainda gostei mais quando entrou de supetão pela galeria adentro ficando um táxi carregado à espera. A tempo, ainda chegava a tempo. De ver e brindar. Voo tinha atrasado, o táxi ficou parado, aguardando, um sinal. O motorista lá tirou a bagagem, pouca coisa e enfiou na galeria. David invadiu o espaço no seu jeito antiquíssimo, fechado, que paradoxalmente irradiava. Uma força, uma vontade. Qualquer coisa de muito especial. Maria Luís ficou suspensa nesse

instante tão inadiável, teima juvenil quase. E com um sorriso aberto de quem já não estava à espera, foi recebê-lo à porta. Brincaram e eu reinvento, outra vez:

- Maria Luís Kowalevsky.
- David Kowalevsky *c'est moi, enchanté.*

Ele segurava-lhe nas mãos enquanto ela se inclinava à frente e ria sem poder parar. Percorreram a exposição, ela falou do seu trabalho, mas deixariam para mais tarde, para outro dia, menos apressadamente. Queria saber tudo, e tudo lhe eram revelações, imprevistos, tudo era novo, novíssimo e arcaico. Como podia aquele mundo ter nascido de um corpo assim, ali à frente, magro e harmonioso, mas aconchegado, digamos, ou parecia ao seu pasmo querer dizer, um alento tamanho numa menina que há muito não o era. De algumas peças dir-se-ia resultarem de um corpo amotinado. O dela? E a tudo dava uma alma. Transmitia às coisas, a cada risco, pincelada ou figura, ou híbrido disso tudo, dizia, uma alma e todas as almas eram uma. Entreteciam-se fabricando o seu horizonte próprio, o seu poema, o dela. David estava deveras embevecido, ou embaraçado. E ela com o deslumbre dele. Como se aquela poça mais a outra e o charco e a ribeira e o regato fossem a cada passo pertença do mesmo mar mutante, reconhecível e não. Ela gostou de como desprendidamente ele ia apreciando. David ficaria em casa de ZM, ali às Amoreiras, era perto, vistas largas sobre a cidade aberta, sentado à varanda, o olhar que vai tocando casa a casa, esbatendo quarteirão em quarteirão até ao rio, e o Castelo mais alto numa colina à esquerda. E a Graça ainda.

As bagagens de David seguiram até lá. David não tinha todo o tempo. Queria o quanto antes rever Maria Luís, pegar na carta que lhe deu o nome, o mesmo nome, os gestos pares. O flanco mais frágil do avô. Pessoalíssimo, grumo anos a fio entalado. Finalmente deslassado e já não havia tempo. Eles os dois encontraram-se no dia seguinte, em Belém, nos pastéis. Vicente tinha-lhe falado tanto deles, ainda morninhos. O nome de Vicente gerou nela uma tensão, uma mudança imediata de semblante. Que mais lhe terá dito além dos pastéis? Resumiu e re-arquitectou mais uma vez o que sabia trazido do lado de lá. Ela só lhe podia mostrar o original da carta em casa. Manuseá-la só lá. E mesmo assim... sorriu.

Apanharam o eléctrico. De Santos foram a pé. No caminho, ele, degustando a cidade.

Chegaram. Ele sentou-se confortavelmente nos almofadões enquanto ela preparava um chá quente, refrescava já o tempo. Foi buscar as folhas, cada uma em sua mica, espalhou em cima da mesa. Ele sentou-se numa cadeira a olhar, impressionado. A peça que faltaria para sempre ao *puzzle* nunca se iria completar.

José, o destinatário, era alguém de família, isso era certo. Primo provavelmente. Era primo sim, os outros, os padrinhos. Ela sufocava, isso lê-se. Ainda não teria dado à luz, mas já estava em Lisboa, soubemos nós lá. Aprazada como governante de uns viscondes liberais novos-ricos na capital. Da menina prendada adúltera, de rendimentos medianos, marido rico, terra-tenente rejeitado, foi feito gato-sapato.

A criança foi criada na casa. A carta é de uma tremenda solidão. Atroz. Um amor tão grande. Sentimos ao ler a alma vertida pela boca fora.

- Iossef terá sabido que a deixou grávida?
- Acho que não. Nunca poderemos saber.
- Desumana a dúvida, essa dúvida.

Nessa tarde, foram ficando por ali a conversar, incomodados, a desfiar pormenor por pormenor a carta, a respirar com a respiração dela, a sofrer o sofrimento dela. A ortografia de então, fazia sorrir. Até o tipo de papel, David sublinhou o quanto o avô era sensível ao toque do papel, o quanto gostava de o palpar. Trouxe-lhe um retrato, da avó mais velha. David tentou olhar com os olhos de Iossef. Muito bela ainda, agastada entre rugas. Mas soberba. Ausente.

- Nenhuma compaixão por ela, pariu sozinha? - parece.
- Se assim não fosse não se teriam conhecido
- Quem?
- Nós.

Isso, pensar nisso, no encontro acidental deles fê-los de novo felizes. Maria Luís pediu-lhe um segundo, foi buscar uma garrafa de champagne que estava há meses e mais meses a gelar no frigorífico, à espera, e duas taças, em fino cristal. O toque de uma noutra retina. Ele riu, abriu-se a garrafa, o estampido da praxe, a espuma não chegou a escorrer, encheram-se logo as duas taças. Ergueram-nas, olhos de um no outro.

Aquilo que era acaso, tinha-lhes sido, por portas e travessas

destinado. E ali estavam eles. Mãos que permaneciam dadas mesmo depois do toast.

E ele disse:

– *Tu sejas imolada à alegria.* De um poeta português que achei, destinado a uma Catarina. Pra você!

Ela desatou a chorar. E a rir. Tudo era demais. Chora-se de alegria. Não sabia se o amava, se o tinha começado a amar. Se tudo aquilo ia recomeçar. Se seria incesto? O que saberia ele dela? Nas semanas que se seguiram, até ao Natal, foi-lhe mostrando a cidade, a sua cidade, os seus, dela, bocados, recantos. Num dia, o último, os dois sozinhos na casa do ZM, à espera dele, a noite cobrindo a cidade, os pontos de luz espalhados a acender-se, descontinuados, haveria névoa. David com muita firmeza e desejo pô-la na sua frente, ele a ver a cidade que anoitecia, ela de costas no vidro, e beijou-a. Beijou-a como um homem a quem já faltava o ar se não o fizesse. Que espécie de amor era aquele? Tão grande, tão antigo? Incestuoso? Não, imenso. Guardado. David, o talmúdico, tinha burilado uma saída, uma primeira saída. Poderia ser ele a fazer um semestre em Lisboa. Depois logo se via.

Naquele momento preciso queria tomá-la, reconhecer-lhe a carne. Fazer-lhe um filho. Ela também, mas tinha uma desculpa, ali, na casa do amigo? Hesitou. Boa desculpa.

Malu, eu sei Vicente me falou de você. Ti amo. Vou embora amanhã.

– E abriu a mão que escondia a camisinha.

– Eu sei Malu, você não tem culpa, ninguém tem.

Ela não disse nada, não podia. E só mais tarde, já com ele além-mar, tendo naquele dia o ZM demorado a chegar e quando a vida contudo já lhe era sem recuo, entendeu que só noutra chão poderiam vingar amores talvez felizes, como as giestas trazidas sem premeditação aos campos, e firmadas na terra pelo acaso e pelo curso da vida. Não prometendo nada, sendo elas próprias a promessa. Raízes aéreas alinhadas a Sul. Aí, nessa terceira margem da felicidade.

E contra todas as evidências em contrário, apesar de tudo, a alegria. Por medo deixou-o partir. Os amores que vão para sempre chegando, enternecidos pelo poder que se desfaz, seguindo livremente a linha de água imolada à vida, dia a dia. *CARPE DIEM.*

...carpe diem, quam minimum credula postero

E chorou, e arrependeu-se convulsivamente. Outra vez: Senhor, livra-me do meu medo. Sem ar. Tinha de ter cuidado. Ligou-lhe, recebeu como mensagem:

Enervou-se, não sabia o que era aquilo, não sabia hebraico, ou lá o que seria aquilo, nem ele aliás.

Outro aviso, em tradução:

Até para o ano em Jerusalém.

Depois um bilhete.

Depois outro.

Depois o nome e a direcção do hotel: preço especial por quatro noites. Maria Luís sorriu, relembrou amorosamente a pressa em despachar o táxi que estava a contar, King David Hotel Jerusalém.

Depois alugariam um carro se ela quisesse. Ela havia de querer tudo.

Dep: 07.05 AM Lisbon. Portugal. Airport LIS. Terminal 1
Terminal 1 Lisboa (LIS). LIS – Portugal
Arr: 05.45 PM Tel Aviv Yafo, Israel | Ben Gurion
International TLV 1 Terminal 3

LISBON to ZURICH
TAP Portugal TP 222

Sunday, December 11. 2003 | duration 2.45
Dep. 07.05 AM Lisbon. Portugal. Airport LIS. Terminal 1
Arr. 10.50 AM, Zurich, Switzerland | Zurich ZRH

Confirmation Number TAP 2MYX8V
Fligh number: TAP Portugal TP 222
Fare type: Coach
Airbus Industrie A 320-100/200
Meal: MEAL (NON SPECIFIC)
Bagage: 1 piece (s) per traveler
Last check in: 1.30 before fligh

Change of plane required. Time between flights = 1:55

ZURICH to TEL AVIV YAFO
El Al Israel Airlines. LY 348

Dep. 12.45 AM Zurich, Switzerland | Zurich ZRH
Arr. 05:45 Tel Aviv Yafo. Israel | Ben Gurion International | TLV |
Terminal 3
Confirmation Number El Al Israel Airlines. 5MTX8V
Fligh number: El Al Israel Airlines. LY 348
Fare type: Coach
AirCraft: Boeing 737 800

Meal: HOT MEAL
Meal preferences: standard:
Bagage: 1 piece (s) per traveler
Last check in: information not available

Change of plane required. Time between flights = 0:50

E outro:

Partida 16.45 Segunda-feira, 10 Dezembro
1 escala
duração da viagem: 19 horas 20 minutos
Rio de Janeiro International Airport (GG) Rio de Janeiro
Brasil Terminal 1
Chegada 07.00 Terminal 3 FLumicino (FCO) Roma Itália Alitalia
(AZ673) Terça-feira, 11 Dezembro
Mudança de avião
Conexão Duração da escala 4 horas 45 minutos

*Verifique a hora de embarque e a porta de embarque junto da
companhia aérea*

11.45 El AL Israel (LY 334)

Terminal 3 Ben-Gurion International (TLV) Telavive - Israel

Demorou algum tempo a chegar. Quarenta, quarenta e cinco minutos. Parava em todas. E em cada paragem apregoava-se o nome do hotel. Iam saindo passageiros à vez. Nunca mais chegava a sua. Foi das últimas. Estava expectante. Uma certa tensão e muita fantasia. Um funcionário moço saiu lesto por uma porta lateral. Sorrindo. Welcome Mam to Jerusalem. Colocou a mala no carrinho rolante de grandes abas altas, Empurrou com uma mão, a outra parecia continuar a gesticulação de boas vindas.

- We were waiting for you.

E ainda não sabiam certamente de quem se tratava, mas o recebimento acolhia. Sorriu também, deu uns passos. E outro, mais velho que mimava o primeiro, impulsionou a porta giratória, como se fosse um jogo, a roleta rodando estancou no sítio certo. A seus pés. Ela avançou. A língua entre eles era rude, gutural, frágil, dir-se-ia em papel o desenho gravado na garganta de arabescos exasperados. Mais *friendly* sem dúvida o inglês. Mais devagar. Menos atrito de agás presos. Na recepção cadastraram-na. Mostrou os documentos, assinou. Em frente um enxame de flores, cor de carne e amarelo pálido. Açucenas e orquídeas, imensas, compactas a encher numa grande taça. Um lago preenchido. Uma só superfície arredondada, do seu seio saíam galhos de lenha seca. Devaneios de sinal

contrário. Delirava. Conheceria David a pigmentação do espaço e do templo onde a fez chegar? Resplandecente o arranjo deposto a meio de uma mesa de madeira escura. Cedros do Líbano. Mesa lavrada a tons mais claros, a cor de leite, sabor a baunilha, sulcos torneados. Era o *lobby*. De todos os cantos convergiam portas abertas. Observou no tempo que teve ao pormenor. Acabava de transpor as portas de um mundo fora do mundo. Vindo do oriente, ou do Egipto ou do meio, o crescente fértil num casulo prometido. Lembra o templo dos faraós. Ou bizâncio. Os tectos pintados num desenho quadricular, um entrelaçado azul, azul turquesa, esmeralda, azul quase verde, a transbordar.

As mil e uma noites.

O quarto era no sexto piso. O 617. Na mesa, arte nova, metal e madeira, quente e frio, um cacho de morangos. *Champagne* gelado, uma flute. E mais flores. Um sonho, mas David nesse preciso instante ainda tardava. O rei, a sua casa. Amava-o tanto, deu-se plenamente conta, ardia.

Resguardando-se, correu os reposteiros de veludo bastante pesado, solene, abriu as janelas do quarto. Respirou tão fundo. Pela frente, o jardim. Olhou-se no espelho. Disse a alta voz 'eu'. Reconheceu-se a custo. Anuiu. Apeteceu-lhe descer, tocar de perto. Sentar-se à beira da imagem, sobre a moldura da cidade. Yerushalyim. Salva *in extremis* da síndrome de Stendhal, que não se lhe pusesse então o de Jerusalém. Estava ao mesmo tempo agitada e calma. Repetia-se que ele havia de chegar. Sentia. No terraço, temperatura amena, mesmo assim pegou num agasalho, sentou-se a ver.

Palmeiras esguias, copa quase à altura das nuvens, muitas outras, até uma oliveira, toldos vermelhos, em concha e a água da piscina luzindo, ondulando sem parar sempre, a seguir em segunda linha, toda a cidade. Uma cor clara, creme, areia, rosada, a cor profunda, mais profunda, altos e baixos relevos: a esplanada, os minaretes, os domus. Jerusalém. Deixou-se abalar de novo e riu amistosamente de si mesma. Livra-me do medo, Senhor. Sabia que ele havia de chegar, sabia. Mais à noite, ou pela manhã. Entregaram-lhe o recado do concierge à chegada. Um atraso na partida, ainda no Brasil que atrasaria em cadeia o resto, multiplicaria o número de escalas.

Não tinha mais fome, só sede. Bebericou um sumo de romã. Era o costume e ela queria cumprir. Ainda estava claro o dia, o meio dessa tarde, hora do chá mas ela bebericava o sumo, de romã.

No céu, um azul ainda rosado, como o fruto mas mais aguado, dissolvido nas nuvens, nuvens altas, leves, bom tempo, uma espécie de doce halo em torno do sol, depois iam ganhando volume dir-se-ia uma couve-flor já laranja, como sempre as formas apoderavam-se-lhe da percepção. E o sol a pôr-se. Semicerrou os olhos, sentiu no rosto a brisa. Foi quando, mais atenta ao que vingava dentro de si, começou a ouvir uma música, pareceu-lhe vir lá de dentro. Seria uma gravação, distinguia alguns instrumentos. Cordas, talvez o violino. Ou o baixo. E o clarinete, pareceu-lhe. Dissonâncias. Seria música cigana? Atentou. Entretanto chegava mais gente, não muita. O empregado aproximou-se a saber se queria mais alguma coisa. despertou, saiu sonâmbula do sonho, atrapalhada, pediu o menu. Gefilte fish, Jerusalem Hummus. Julgava que o hummus era tipicamente árabe. Enfim aquele era de Jerusalém. Grão-de-bico, diferia o tempero. Abriu bem decididamente os olhos. Endireitou-se. Olhou fixamente de frente, deslumbrada entre ver e ouvir, percebeu que a música afinal não era cigana, ia e vinha como um zuni-do em segundo plano, ora melodioso, ora dissonante. Arrematado por cada vez mais vozes a chegar. Provinha de alguma sala onde se dançava talvez. Som de passos e preces e risos à mistura. Tudo mal amassado, largando grumos. Não entendia, batiam-se palmas e vivas. Se calhar alguém casava. Chegou o prato, crescia então o som de talheres. Um virote sonoro, com pressa. Todavia o impacto daquela cor tomou a dianteira. Ia ao mesmo tempo provando. Sons, sabores, matizes. Crucificados juntos. Aquele azul, não o sabia definir a esse azul, se ele seria cor ou se já seria de noite pela soma de luzes acesas. Lembrou-se de um quadro que para sempre a desinquietara, na rua anoitecia já, os lampadários acesos, no céu ainda perdurava o dia. Do terraço à muralha era um pulo. Via-se um azul maciço, safira baça, pastel, sem transparência, em crescendo, azul faiança, depois já tirante a preto. Azul ferrete, as luzes a pontilharem o horizonte aos poucos e no meio mais adiante ainda uma cúpula dourada, na cumeada um crescente, era mesquita, era enorme e dominante. Brilhante àquela hora, sozinha reverberando a réstia de luz recebida o que afinal mais além a anunciaria. Trazia-lhe a chefia de um exército apagado. Risos, pratos, copos, frases que tilintavam naquela língua dura, golpeada à faca. Tudo se sublevava. A calma inicial gorou-se. Teve medo. Ah Jerusalém! Começou a ouvir uma ladainha. Arrepiava, ocupava o corpo todo. Em crescendo

como se convocasse ao princípio de um fim, não era música. Era um vórtice rodando. Ampliando. Uma litania que durou longos minutos. Uma eternidade. E era tão bela. Levantou-se, ia subir, mas logo estancou o passo, encostou-se a uma parede. E ouvia. Dali à muralha era um pulo. Uma grande beleza espalhava-se pela cidade, alagando o Neguev. Vendo-a assustada, alguém, um velhote, por gestos, velhote não, alguém mais velho e distinto, por gestos fez-lhe ver que era a hora de chamar os crentes à oração. E a oração incita à paz, não à guerra. Ou à paz e à guerra. Zombou intimamente do contraditório. Mas logo uns sinos bateram. Quais? Havia tantos. Santo Sepulcro? Esses são cristãos. Mas já Iaweh não dá tréguas ao Islão. Nem o inverso. Eram quatro os cantos: árabe, judeu, arménio, cristão. Não se casavam os filhos imperfeitos de um só Deus.

O incitamento viria da Cúpula da Rocha, da Corrente, de qual outra?! El-Aqsa, a mesquita da cúpula de ouro. Mas não era única. O incitamento cobria a cidade, espalhava-se onda maior a onda menor. Siderava. Voz extrema ou extremada no seu efeito. Tão bela, tão cega e inebriante, arrebatadora, capaz de conduzir os carros de guerra ao apocalipse. Parou, teve medo, tremia. Devia evitar alucinações. Jerusalém consola a todos, ela é que não se sentiu lúcida para distinguir as vozes acamadas, um turbilhão de sons vários em vórtice e o bolo engolindo esmagados os ingredientes assustou-a. Depois, serenou devagar. Tinha sido delírio Subiu ao quarto, as portas cor de ouro daquele ascensor abriram-se, foi calcando, leve, levemente o tapete vermelho. Passaria da meia-noite, tornou a correr a cortina tornou a olhar. Esplendorosa visão. Noite estrelada, silêncio em terra. Finalmente em paz, recolheu-se. Explorou tudo quanto tinha na casa de banho. Mil frasquinhos. Elegeu um gel azul claro, sais do Mar Morto. Sais santificados, bálsamo certamente, que bem-aventurança. Aquelas palavras nasciam-lhe sem querer. O amado chegaria, atravessaria aquela hora já pacificada. Pôs a água a correr, som afectuoso, imergiu na espuma. Embalada. À beira, numa cadeira a toalha, turco macio, e um roupão branco bem dobrado, KD cozidos no peito. Espalhou pelo corpo o leite, perfumado, e sentada ao espelho penteou o cabelo, passou nos lábios uma cor suave, mais brilho do que outra coisa, um *gloss* rosado. Depois, estendeu-se e entre almofadas acabaria por adormecer. Quase a meio da noite, já dormia, se bem que o coração velasse ainda e o seu jardim húmido

empolgado ardia. Pela madrugada, David chegou, estaria cansado da demora, dos sucessivos atrasos, ansioso por saber dela, por saber ao certo se ela lá estaria. Pediu ao empregado que largasse a mala à porta. Entrou com cautela, noite silenciosa, apenas uma luz fraca, de presença, foco suave. Ansioso, coração pulando na boca. Maria Luís sentiu. Riu, riu alto, correram-lhe as lágrimas, chamou-o, deu-lhe de beber, e mesmo sedento e cansado, amaram-se como bichos, e foi bom. O dia primeiro.

Companhia das Ilhas | Títulos publicados

- Alexandre Borges, *O boato. Introdução ao pessimismo*
- António Conde, *Fresco Bruegeliano. Dez estudos e um ensaio sobre dramaturgias portuguesas entre 1990 e 2010*
- António Cabrita, *Ficas a dever-me uma noite de arromba*
- Carlos Alberto Machado, *Estórias açorianas*
- Carlos Alberto Machado, Hélia Correia, Jaime Rocha, José Mário Silva, Margarida Vale de Gato e Miguel-Manso, *Poesia, Um Dia*
- Carlos Alberto Machado, *Teatro Reunido (2000-2010)*
- Carlos Alberto Machado, *Uma viagem romântica a Moscovo*
- Cristina Brito, *A viagem seguinte*
- Fátima Maldonado, *Lava de espera*
- Fernando Gandra, *Os lugares*
- Fernando Machado Silva, *Passageiros clandestinos*
- Gez Walsh, *A borbulha no rabo. Poemas terríveis para meninos terríveis (versão portuguesa de Helder Moura Pereira)*
- Gisela Cañamero, *Para Além do Muro/ Beyond the Wall*
- Helder Gomes Cancela, *O exercício da violência. A arte enquanto tempo*
- Helder Moura Pereira, *Eu depois inventei o resto*
- Henrique Manuel Bento Fialho, *Call Center*
- Inês Lourenço, *Ephemeras*
- Jácome Armas, *Conjunto Homem*
- Jaime Rocha, *O regresso de Ortov*
- João Paulo Cotrim, *A minha gata*
- Jorge Aguiar Oliveira, *Ranço*
- Jorge Palinhos, *Parking*; Tiago Patrício, *Desmaterialização*
- José Alberto Ferreira, *Da vida das Marionetas*
- José Alberto Ferreira, *Dos Autores formigueyros. 1: Elementos para uma leitura crítica da 'escola vicentina'*
- José Amaro Dionísio, *Vidas caídas. Diário de um repórter na Amazônia*
- José Manuel Teixeira da Silva, *Música de Anónimo*
- José Pinto de Sá, *Os filhos de Mussa Mbiki*
- José Ricardo Nunes, *Confissões*
- Luís Campião, *O menino da burra*
- Luís Carlos Patraquim, *O escuro anterior*
- Luis Maffei, *Signos de Camões*
- Madalena de Castro Campos, *O fardo do homem branco*
- Manuel Fernando Gonçalves, *A matriz e o canto oposto*
- Manuel Serpa, *Bom Combate*
- Manuel Tomás (org.), *Nunes da Rosa. Estudo e Antologia*
- Manuel Tomás, *Ainda há a chuva a cair*
- Manuel Tomás, *Maroiço*
- Manuel Tomás, *Picolândia*
- Mário T Cabral, *Tratados*
- Marta Freitas, *Eis o Homem*
- Nuno Costa Santos (dir), revista *transeatlântico* (nº 0)
- Nuno Costa Santos, *Às vezes é um insecto que faz disparar o alarme*
- Nuno Dempster, *Na luz inclinada*
- Nuno Dempster, *O papel de prata, o reflexo e outros contos pelo meio*
- Onésimo Teotónio Almeida, *Minima Azorica. O meu mundo é deste reino*
- Paulo da Costa Domingos, *A morte dos outros*
- Paulo Ramalho, *Boca aberta*
- Pedro Eiras, *Bela Dona e outros monólogos*
- R. Lino, *Baixo-Relevo*
- Ricardo Neves-Neves, *A porta fechou-se e a casa era pequena*
- Rosalina Marshall, *Manucure*
- Rui Pina Coelho, *Às vezes quase me acontecem coisas boas quando me ponho a falar sozinho*
- Tiago Rodrigues, *Peça romântica para um teatro fechado*
- Urbano Bettencourt, *Outros nomes, outras guerras*
- Valério Romão, *Facas*

Companhia das Ilhas

coleção: azulcobalto | ficções

Direcção de Carlos Alberto Machado

Até para o ano em Jerusalém, de Maria da Conceição Caleiro

Edição 054

coleção: azulcobalto | ficções 001

1ª edição (Março de 2015 - 250 exemplares)

Paginação: companhiadasilhas.pt

Design: milideias.pt

Foto da capa: Paulo Nuno Silva

Impressão e acabamentos: Europress, Lisboa

Depósito legal: 388839/15

ISBN 978-989-8592-61-3